

Categorização e protótipo em adivinhas portuguesas e moçambicanas. Um estudo comparativo sobre o conceito de ovo

ROSA LÍDIA COIMBRA
CARLOS MANUEL MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
Universidade de Aveiro

1. Introdução

Brincar com palavras e números sempre fascinou o ser humano, desde a infância. Solitários ou em grupo, palavras cruzadas, sopas de letras, lengalengas, trava-línguas, adivinhas e outros, são jogos que envolvem uma consciência metalinguística de nível léxico-semântico, sintático e fonológico. Desenvolvem as competências do falante e são frequentemente utilizados em aulas de língua, dado o seu potencial simultaneamente lúdico e didático. Estão também presentes em contextos de lazer ou convívio entre falantes de todas as idades. De entre estes géneros textuais, interessou-nos aqui abordar o género adivinha, uma vez que neste texto o ouvinte é desafiado a resolver um enigma linguístico cuja solução envolve o processamento de um conceito-chave.

A adivinha pode ser definida como “um texto verbal curto que apela a uma resposta, estrategicamente contida na pergunta de modo cifrado ou encoberto. A adivinha fornece pois uma definição, insinuante e engenhosa, de algo conhecido, mas dissimulando-o, de forma a não permitir a localização imediata do referente” (Nogueira, 2004).

Formada por um par de pergunta-resposta, a adivinha é tipicamente um género de literatura de transmissão oral, embora existam compilações escritas, normalmente fruto de recolhas e transcrições, dirigidas quer a um público indiferenciado, quer especificamente a um público infantil. Apesar de existirem adivinhas de autor, a maior parte é de autoria desconhecida ou esquecida e,

tal como outros discursos anônimos, são preferencialmente transmitidas de geração em geração pela oralidade, integrando o fundo cultural comum de uma coletividade linguística.

A adivinha é um gênero que formalmente integra sequências textuais de tipo descritivo, podendo incluir descrição afirmativa (apresentam-se características do objeto solução) e descrição negativa (apresentam-se características que o objeto solução não detém). As duas possibilidades podem coexistir na mesma adivinha, como podemos observar no anexo 1, por exemplo, nas adivinhas 5, 6, 8. A descrição, seja afirmativa seja negativa, pode ainda assumir duas formas de construção: adivinhas formadas por autodescrição, nas quais “o próprio ser personificado apresenta as suas características, construindo, assim, a pergunta da adivinha”, utilizando verbos, pronomes e determinantes na primeira pessoa; e adivinhas formadas por heterodescrição, em que “caraterísticas do ser personificado são descritas com a utilização dos verbos na terceira pessoa, mas, em sua maioria, sem a identificação do pronome (ele/ela), aumentando o grau de dificuldade da adivinha” (Silva, 1999, p. 167). Em qualquer dos casos, o objeto solução é normalmente personificado e “a resposta dá-se através do estabelecimento de relações (comparativas, metonímicas ou metafóricas) entre as caraterísticas apresentadas e as propriedades reais do tema-título” (Silva, 1999, p. 167). Vejamos, no quadro 1, as quatro combinatórias possíveis, ilustradas com exemplos no nosso *corpus* de análise:

	Autodescrição	Heterodescrição
Descrição afirmativa	<i>[...] Eu de mim sou todo calvo Meu coração é amarelo E o meu rosto é alvo e belo.</i>	<i>Por detrás de um muro branco, há uma flor amarela [...].</i>
Descrição negativa	<i>[...] eu não sou da mesma cor [...]</i>	<i>Qual é a coisa que não tem pés, nem corpo, nem bico [...]</i>

Quadro 1: Exemplos do *corpus* 1, ilustrando as quatro possibilidades de sequência descritiva numa adivinha

Como salienta Nogueira (2004, p. 329), a adivinha portuguesa partilha das características do arquétipo universal, compreendendo genericamente uma fórmula de introdução (“Que é, que é”; “Qual é a coisa, qual é ela”), um corpo central, que encerra a mensagem enigmática e uma fórmula de conclusão, esta bastante menos frequente (“Não adivinhas nem daqui a um mês”). As fórmulas de introdução e conclusão são opcionais e estão, com muita frequência, omissas.

Se repararmos no *corpus* 2 (anexo 2), verificamos que as adivinhas moçambicanas aqui consideradas nunca as apresentam.

Sendo o corpo central da adivinha o único elemento da superestrutura que é obrigatório, é também nele que vamos encontrar a sequência textual descritiva, como vimos. Segundo Adam (1992, pp. 85-95), a sequência descritiva é vista como a menos autónoma de todas as sequências, sendo o seu grau zero a simples enumeração de atributos. Para este autor, a sequência descritiva prototípica apresenta uma hierarquia de procedimentos (fases da sequência), a saber:

- procedimento de ancoragem (a sequência assinala por um nome, o tema-título, aquilo que está a ser descrito e que pode ser apresentado no início, ancoragem propriamente dita, ou no fim da sequência, afetação, ou ainda combinando estes dois, reformulação);
- procedimento de aspetualização (base da descrição, consiste na exposição dos diversos aspetos do objeto descrito, o qual é decomposto em partes, às quais se atribuem propriedades);
- procedimento de relacionamento (situa o objeto no contexto espaço-temporal e também estabelece relações – comparativas, metonímicas, metafóricas – entre as propriedades do objeto descrito e as de outro objeto);
- procedimento de subtematização (quando uma parte da aspetualização é escolhida como um novo tema-título e considerada nas suas propriedades e subpartes).

Na adivinha, o tema-título não é, obviamente, fornecido na pergunta, a qual apresenta apenas a sua aspetualização. É na resposta que este será eventualmente fornecido, caso o interlocutor alcance a solução do problema colocado. Em alguns casos, porém, a pergunta fornece o tema-título, só que camuflado em linguagem figurada e é na resposta que o termo literal surge, originando consequentemente um processo de reformulação.

Operando através da aspetualização do objeto-solução, o tema-título da descrição apresentada, a adivinha é um texto que contém a desmontagem de um conceito¹. Neste processo, o falante tem tendência para agrupar os conceitos em categorias e subcategorias, como por exemplo, quando considera que uma secretária é um móvel de escritório, que, por sua vez é um móvel, que é um objeto. Assim e de acordo com a sua experiência, um conceito projeta a realidade em várias secções, ou seja categorias conceptuais, as quais, uma vez inscritas na língua, se tornam categorias linguísticas (Delbecque, 2008, p. 35).

¹ Por conceito entende-se “a ideia que temos de qualquer coisa, da sua forma de existir no mundo” (Delbecque, 2008, p.35).

A adivinha opera com base na definição de uma categoria lexical. Ou seja, assume a forma de uma definição de um conceito que não é à partida fornecido, mas que é entendido no seu sentido mais prototípico, aquele que é partilhado pela comunidade dos falantes, como vimos acima. É precisamente esta prototipicidade, este saber partilhado e mais ou menos consensual, que vai permitir ao respondente atingir a solução esperada. Para isso, procurará, no leque dos seus conhecimentos adquiridos, “encaixar” a descrição nas categorias de objetos que conhece e às quais atribui, ainda que inconscientemente, determinadas propriedades típicas. De facto, a noção de protótipo “prende-se diretamente com a categorização do mundo extralinguístico, com o modo como os falantes das comunicações linguísticas configuram e classificam os objetos que povoam o seu universo” (Vilela, 2002, p. 21). E adivinhar implica esse esforço de análise de protótipos.

Sendo o protótipo o elemento mais característico, o melhor exemplar, podemos distinguir vários tipos de prototipicidade (Vilela, 2002, pp. 45-46):

- prototipicidade de certos referentes relativamente a uma dada categoria (por exemplo, dentro da categoria copo, um copo tão largo como alto será um exemplar pouco prototípico, ficando no limiar da categoria taça);
- prototipicidade de certas subcategorias em relação a uma categoria superordenada (por exemplo, na categoria ave, a subcategoria pardal está mais próxima do protótipo do que a subcategoria pinguim);
- prototipicidade de uma aceção relativamente a outras num lexema polisémico (por exemplo, no lexema longo, a aceção espacial, “caminho longo”, é mais prototípica do que a temporal, “dia longo”).

O protótipo, para Eleanor Rosch (1978), funciona portanto como um ponto de referência cognitiva na construção das classes dos elementos presentes na experiência dos falantes. No processo de categorização, o protótipo pode ser identificado através de diversos testes:

- a) Os membros prototípicos são categorizados mais rapidamente que os membros não-prototípicos;
- b) Os membros prototípicos são os que as crianças aprendem primeiro;
- c) Os membros prototípicos são os primeiros mencionados, quando solicitamos aos falantes que listem todos os membros de uma categoria;
- d) Os protótipos servem de ponto de referência cognitiva;
- e) Geralmente, quando o que se pede é a enumeração dos primeiros membros de uma categoria, os protótipos aparecem mencionados em primeiro lugar (Duque, 2013).

A aplicação deste tipo de testes não revela, obviamente, os mesmos resultados em todas as comunidades de falantes, dependendo de processos de conceptualização que são, em grande parte culturais, como salienta Soares da Silva (2013, p. 4):

Recentemente tem sido acentuada a situacionalidade sociocultural da cognição e, assim, a interpretação da cognição como cognição situada ou cognição social, isto é, mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interações sociais e culturais.

Lakoff (1990, pp. 40-46) acrescenta que os protótipos são mais efeitos do que causas na conceptualização: os chamados “efeitos de prototipicidade” (*prototype effects*). Diferentes línguas e culturas podem apresentar diferenças mais ou menos significativas neste processo de conceptualização. Foi o que nos interessou aqui estudar, a partir de um conceito simples e comum, o ovo. Tratando-se de um elemento básico na alimentação humana, é contudo, como qualquer alimento, também conceptualizado segundo as culturas. Por exemplo, a escritora moçambicana Paulina Chiziane, em *Niketche. Uma história de poligamia* (2004, p. 36), refere “os tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres, para não terem filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto”.

2. *Corpus* e metodologia

A presente pesquisa parte da análise da transcrição de 30 adivinhas portuguesas e 24 adivinhas moçambicanas presentes em recolhas editadas em livros. Estas recolhas foram exaustivamente percorridas e foi feito o levantamento de todas as adivinhas cuja solução era “ovo”. No caso das adivinhas portuguesas, uma vez que foram utilizadas três recolhas diferentes, agrupámos os textos iguais ou variantes (ver segunda coluna da tabela do anexo 1). Com este levantamento foram preenchidas as terceiras colunas dos anexos 1 e 2.

Seguidamente, foi feito o levantamento de todos os elementos descritivos de “ovo” presentes em cada um dos textos. Nas tabelas 2 e 3 encontram-se compilados todos os elementos encontrados em cada um dos *corpora*. Estas características serviram para a construção das colunas 4 a 15 dos anexos (ver significado de cada letra na legenda da tabela). A presença do sinal x, em cada uma destas colunas, indica que a adivinha contempla o elemento descritivo correspondente.

Com as tabelas assim produzidas, pudemos fazer um estudo comparativo da aspetualização presente nas sequências descritivas das adivinhas portuguesas e moçambicanas, o que possibilitou a construção do gráfico 1.

Para além de um estudo textual, interessou-nos também investigar a noção de “ovo” que os falantes portugueses e moçambicanos consideram mais prototípica, pelo que aplicámos um inquérito a informantes moçambicanos e portugueses, que se apresenta no anexo 3. No mesmo inquérito, foi pedido aos falantes que transcrevessem uma adivinha sobre ovo. Esta questão permitiu-nos aferir da maior popularidade de certos textos.

3. Apresentação de resultados: os textos

A partir da análise dos textos constantes dos dois *corpora* recolhidos para o presente estudo, procedemos ao levantamento de todos os atributos que as adivinhas sobre “ovo” forneciam na descrição do conceito, quer de uma forma literal e explícita, quer através de linguagem figurada ou por inferência. Esse levantamento encontra-se sistematizado nas tabelas 2 e 3:

Aspetto	Caraterização do ovo	Expressões dos textos (<i>corpus</i> português)
tamanho	pequeno	- <i>caixa pequenina</i>
forma	fechado	- <i>caixa fechada</i> - <i>piço sem batoque</i> - edifício (<i>capela/ casa/ prisão/ torre</i>) sem abertura (<i>porta/ tranca/ grades/ alçapão/ portal/ janela/ postigo</i>)
	liso	- <i>calvo, careca</i> - <i>não tem pés nem cu nem bico</i>
	curvo	- <i>pode rebolar</i> - <i>redondinho, redondote</i> - <i>pipinho/ pipeirinho, pipeirote</i> - <i>abobadada</i>
cor	casca branca	- <i>rosto alvo</i> - <i>muro branco</i> - <i>branco de neve é meu hábito</i> - <i>casa caiada</i> - <i>capelinha/casinha/pedra branca</i>
	clara transparente	- <i>águas claras</i>
	gema amarela	- <i>meu coração é amarelo</i> - <i>uma flor amarela</i> - <i>cor de oiro o coração</i> - <i>fontes amarelas</i> - <i>dourada</i> - <i>paredes amarelas</i> - <i>saia amarela</i>

Aspeto	Caraterização do ovo	Expressões dos textos (<i>corpus</i> português)
resistência	quebrável	- <i>todos a sabem abrir</i> - <i>caindo no chão se faz amarela</i> - <i>se faz em três fêmeas</i> - <i>cai no chão e fica dourada</i>
conteúdo	cheio	- <i>cheio até ao batoque</i> - <i>atacado até ao gargal</i> - <i>segura o seu vinhinho</i>
origem	ave	- <i>pais cantantes</i> - <i>mãe não tinha dentes</i> - <i>Maria Campona</i> - <i>Maria Penacho</i> - <i>a mãe do curcubico tem bico e come</i> - <i>galinha o põe</i>
função	novo ser	- <i>nascer</i> - <i>depois já tem pés e cu e bico</i> - <i>o vivente encarcerado</i>

Tabela 2: Aspetualização de ovo nas adivinhas portuguesas (*corpus* 1)

Aspeto	Caraterização do ovo	Expressões dos textos (<i>corpus</i> moçambicano)
forma	fechado	- <i>edifício (casa/ casa do inglês/ casa da minha mãe) sem abertura (porta/ janela/ não abre)</i> - <i>filho não tem boca</i> - <i>mala fechada</i>
	liso	- <i>lisinho, lisa</i> - <i>não tem ânus, não tem pernas</i>
	curvo	- <i>redonda</i> - <i>não passa em lugares rochosos/ pedra/ rocha</i>
cor	branco	- <i>coisa branca</i>
origem	ave, réptil	- <i>está dentro da casa da mamã</i> - <i>cada uma é mãe da outra</i> - <i>a coisa que tem ânus/ tem pernas/ anda</i> - <i>Txinamwenddo gerou o Gulumanha</i>
função	novo ser	- <i>cada uma é mãe da outra</i> - <i>gerou/ pariu/ deu à luz</i> - <i>Gulumanha gerou o Txinamwenddo</i>

Tabela 3: Aspetualização de ovo nas adivinhas moçambicanas (*corpus* 2)

A primeira observação relativamente às tabelas 2 e 3 não pode deixar de ser a grande discrepância de tamanho resultante do maior número de características do conceito-chave referidas nos textos portugueses (primeira coluna das tabelas). Enquanto estes referem aspetos relacionados com tamanho, forma, cor, resistência, conteúdo, origem e função, os textos moçambicanos concentram-se em apenas quatro grandes aspetos: forma, cor, origem e função. Observando as colunas seguintes das tabelas, observamos que a maior variedade descritiva também se verifica dentro de cada um destes aspetos, ou seja, nas adivinhas portuguesas encontramos uma maior diversidade de expressões, incluindo maior variedade de projeções metafóricas. Esta discrepância pode verificar-se mais nitidamente no gráfico 1.

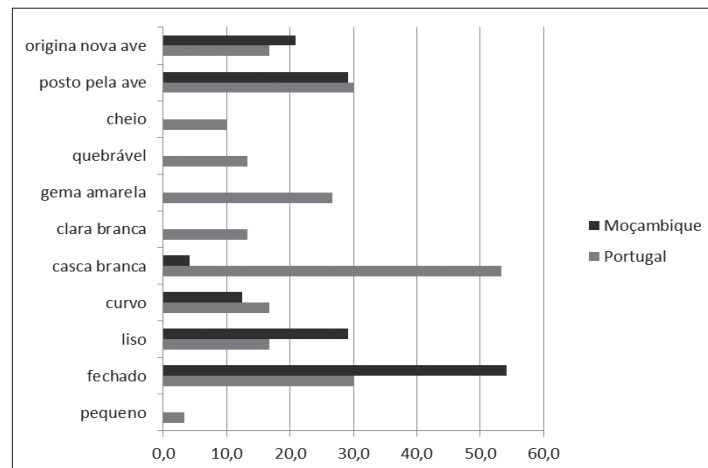


Gráfico 1: Comparação da aspetualização de ovo nas adivinhas portuguesas (*corpus 1*) e moçambicanas (*corpus 2*) – frequências relativas de cada *corpora*

O gráfico 1, as tabelas 2 e 3 e os anexos 1 e 2 mostram uma grande disparidade, em termos quantitativos, entre os dois *corpora* recolhidos e analisados. Nos anexos, verificamos que as adivinhas moçambicanas têm uma extensão nitidamente menor, consistindo geralmente em uma única frase sintaticamente simples. No *corpus* português, pelo contrário, os textos tendem a apresentar duas ou mais frases, dispostas em estrofes, as quais podem ou não apresentar efeitos sonoros de ritmo e rima, facilitadores da memorização. Os mesmos anexos também revelam que as descrições contidas nas adivinhas portuguesas tendem a apresentar mais características descritivas do conceito do que as moçambicanas. De facto, mais de um terço dos textos do *corpus 1* veiculam três ou mais aspetos descritivos de ovo, enquanto as adivinhas do *corpus 2* nunca ultrapassam os dois aspetos cada

uma. Seria interessante averiguar se esta diferença influencia a taxa de acerto por parte dos eventuais respondentes.

O gráfico 1 e as tabelas 2 e 3 mostram ainda, que há alguns aspetos do protótipo que nunca são abordados no *corpus* moçambicano, apresentando o *corpus* português quase o dobro da quantidade de aspetos referidos. E mesmo quando os dois *corpora* focam os mesmos aspetos, não o fazem da mesma maneira. É de salientar que o aspeto mais referido no *corpus* 1 (a cor branca da casca, mencionada em 53,3% das adivinhas do *corpus* português) é alvo de pouquíssima atenção no *corpus* 2 (no qual surge mencionada em apenas 4,2% dos textos). Pelo contrário, as características liso e fechado são alvo de maior atenção por parte das adivinhas moçambicanas (respetivamente 29,2% e 54,2% contra 16,7% e 30,0%).

A dispersão dos dados no *corpus* de textos portugueses é um pouco maior do que no moçambicano, o que pode ser atestado por medidas estatísticas de dispersão:

a) Calculando a amplitude total ou intervalo de variação, obtemos:

$$\text{Corpus 1: } I = X_{12} - X_1 = 16 - 1 = 15$$

$$\text{Corpus 2: } I = X_6 - X_1 = 13 - 1 = 14$$

b) Calculando o valor do desvio padrão, obtemos os seguintes resultados:

$$\text{Corpus 1: } s = 4,17$$

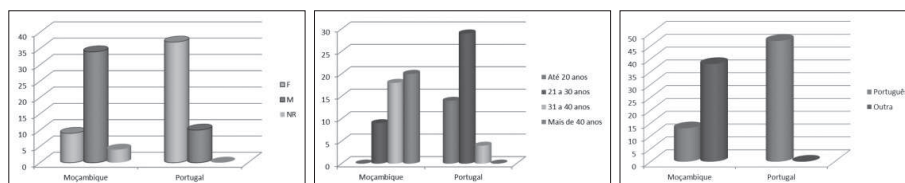
$$\text{Corpus 2: } s = 4,20$$

Apesar de estas diferenças não serem muito acentuadas, o gráfico mostra claramente que, em cada *corpus*, há apenas uma característica mencionada na maioria dos textos (ou seja, com uma frequência relativa superior a 50%) e não é a mesma nos dois *corpora*: trata-se do atributo casca branca, para o *corpus* 1, e do atributo fechado, no caso do *corpus* 2. Isto significa que os respondentes das adivinhas, em cada caso, serão levados a raciocínios diversos (O que é que é branco? vs. O que é que é fechado?), o que certamente implicará uma grande diferença a nível, não das respostas certas (pois estas serão todas o ovo), mas das respostas erradas (coisas brancas vs. coisas fechadas que não são ovos). Seria um estudo interessante o levantamento destas possibilidades.

4. Apresentação de resultados: os inquéritos

O inquérito constante do anexo 3 foi aplicado a 47 informantes moçambicanos e a 47 informantes portugueses. Todos os informantes eram alunos de mestrado de cursos da área das línguas, incluindo o português. Uma vez que as duas

amostras apresentam o mesmo número de indivíduos, optamos por apresentar aqui os resultados através de gráficos de barras com as frequências absolutas. Quanto aos dados pessoais, a amostra apresenta as seguintes características:



Gráficos 2 a 4: Comparação dos dados pessoais dos informantes dos dois *corpora*

Como podemos observar nos gráficos 2 a 4, os dados pessoais dos informantes revelam diferenças bastante acentuadas entre os dois grupos, no que respeita aos três indicadores recolhidos: sexo, idade, língua materna. O grupo de informantes moçambicanos é predominantemente masculino, com idades superiores a 31 anos e com língua materna de origem bantu, enquanto o grupo português é predominantemente feminino, com idades inferiores a 31 anos e todos de língua materna portuguesa. Estas diferenças refletem muito provavelmente o tipo de universo estudantil destes cursos nas duas realidades consideradas, pelo que seria muito difícil conseguir uma amostragem mais homogênea em relação aos dados pessoais dos informantes.

Além dos dados do informante, o inquérito (ver anexo 3) incluía seis questões construídas de acordo com diversas estratégias, a fim de aferir das características prototipicamente atribuídas ao conceito de ovo, e terminava solicitando ao informante que escrevesse uma adivinha de que se lembrasse e cuja solução seria ovo.

Testes utilizados na construção do inquérito:

- Teste do juízo subjetivo da representatividade por meio de construção de enunciados. As características consideradas mais representativas serão apresentadas no enunciado.
- Teste da frequência de citação. As características mais prototípicas serão as mais citadas.
- Teste do mas. Segundo Lakoff (1990, p. 81), no “teste-do-mas” (*but test*), a conjunção adversativa é usada para marcar uma situação que está em contraste com algum modelo que serve como norma. Assim, o que os informantes propuserem para completar a frase “Isto é um ovo mas...” será uma característica que contrasta com as do ovo prototípico (por isso, será de esperar algo como “isto é um ovo mas não é branco/ mas não é de galinha/ mas é de plástico...”).

- Prototipicidade de referentes. São apresentados diversos referentes possíveis e o informante escolherá o que considera mais representativo.
- Prototipicidade de subcategorias. São apresentadas diversas subcategorias possíveis e o informante escolherá a que considera mais representativa.
- Prototipicidade de aceções. São apresentadas diversas aceções possíveis do lexema polissémico e o informante escolherá a que considera mais comum.

Não se fizeram testes de hesitação e tempo de resposta (o informante hesita e demora mais tempo a decidir quando colocado perante algo não prototípico) por dificuldades de administração.

Daremos, de seguida, conta dos resultados obtidos pelos dois grupos de informantes, nas respostas aos inquéritos.

A primeira questão era uma pergunta aberta solicitando uma definição de ovo. Os resultados serão referidos mais abaixo, juntamente com os da outra questão aberta, a última do inquérito.

A segunda questão consistia em sete em frases simples para completar com uma palavra caracterizadora do conceito. Os resultados foram os seguintes:

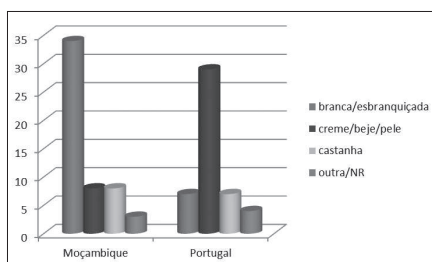


Gráfico 5: “A casca do ovo é de cor...”

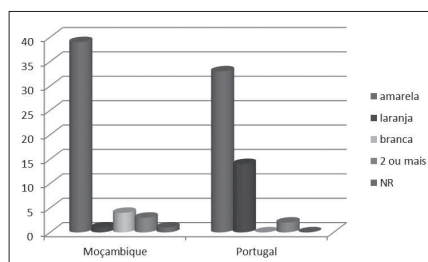


Gráfico 6: “A gema do ovo é de cor...”

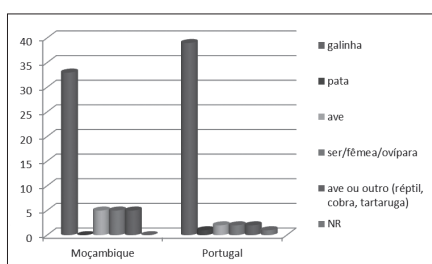


Gráfico 7: “O ovo foi posto por uma...”

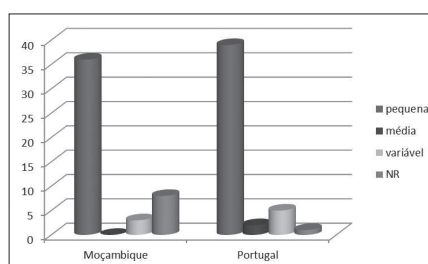


Gráfico 8: “Quanto ao tamanho, o ovo é uma coisa...”

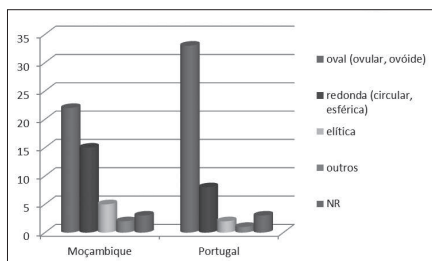


Gráfico 9: “Quanto à forma, o ovo é uma coisa...”

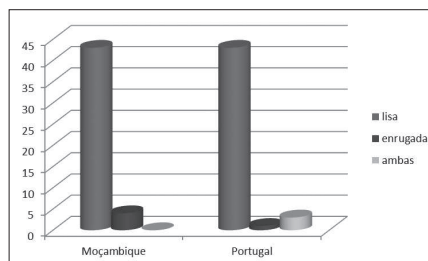


Gráfico 10: “A casca do ovo é lisa ou enrugada? É...”

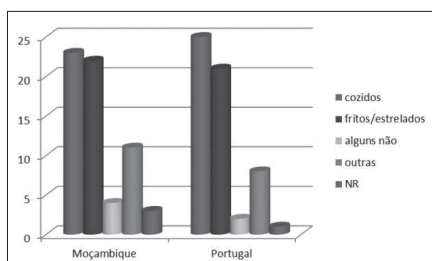


Gráfico 11: “Normalmente, os ovos comem-se...”

Uma vez que se pediu aos informantes que respondessem sem muito refletir, em princípio estas respostas espelham a primeira imagem que mentalmente associam ao conceito em termos das diversas características solicitadas. No grupo dos traços definidores de ovo, esperar-se-ia que os informantes fornecessem os componentes de sentido mais prototípicos, que se salientam na formação daquilo que em linguística cognitiva se entende por “semelhanças de família”, no sentido wittgensteiniano do termo, ou seja, neste caso, nos traços físicos que normalmente se espera que um objeto apresente para ser facilmente identificado como pertencente à categoria ovo.

Comparando os dados dos dois grupos, encontramos, por um lado, elementos de unanimidade, quer dentro do mesmo grupo quer entre grupos, como é o caso do tamanho, considerado pequeno (gráfico 8), da textura, considerada lisa (gráfico 10) e da forma de comer, geralmente cozido ou frito (gráfico 11). Estes elementos consensuais são, compreensivelmente, os que são utilizados nas adivinhas dos dois países quando tais características são evocadas (tabelas 2 e 3 e gráfico 1), o que nos leva a concluir que o protótipo usado na construção dos textos coincide com aquele que se encontra representado na mente dos falantes.

O elemento mais discrepante entre os dois grupos, no que respeita à descrição do conceito, é a cor da casca (gráfico 5), tendo as opções recaído

predominantemente sobre a cor branca para o grupo moçambicano e creme para o grupo português. Os resultados deste último grupo curiosamente não vêm ao encontro da opção tomada nas adivinhas recolhidas, em cuja descrição a casca é sempre branca. Assim, no que respeita a esta característica, ao contrário do que acontece com o protótipo moçambicano, o protótipo veiculado nos textos portugueses não coincide com o dos informantes do grupo português.

Também o gráfico 6 apresenta diferenças, embora tão acentuadas. Aqui, verificamos que, à semelhança do que observámos em relação à cor da casca, também em relação à cor da gema o grupo de informantes portugueses se afasta da descrição prototipicamente apresentada nas adivinhas, já que, grande parte escolhe o alaranjado, em vez do amarelo, cor que surge sempre associada à gema nos textos do *corpus*.

O gráfico 9, com os resultados da afirmação sobre a forma do ovo, apresenta uma situação semelhante. Nos dois grupos, a característica mais escolhida foi a mesma: oval. No entanto, o grupo moçambicano escolheu mais vezes do que o português a opção redonda, o que nos parece mais próximo do protótipo veiculado pelas adivinhas (embora grande parte delas, quando se refere à forma a descreva com o adjetivo curva).

Finalmente, no gráfico 7, referente à origem do ovo, verificamos que, embora as opções predominantes tenham sido iguais nos dois grupos (o ovo é posto por uma galinha), há respostas que apenas surgem no grupo moçambicano e que poderão ser explicadas pelas diferenças ao nível da fauna local. É por isso que, apenas neste grupo, são dadas respostas como as seguintes: réptil, cobra, tartaruga.

Depois desta questão, o inquérito apresentava uma frase complexa incompleta, solicitando a construção de uma oração adversativa: “Isto é um ovo, mas...”. O objetivo deste teste seria o de identificar a característica de ovo utilizada para completar a frase, previsivelmente uma das mais importantes, de entre as constantes do conceito prototípico interiorizado pelo falante. De facto, neste tipo de construção, o falante tende a negar, na oração adversativa, uma característica que considere normalmente associada ao conceito. Por exemplo, se o falante considera que os copos normalmente são de vidro e não de madeira, mais facilmente construirá a frase “Isto é um copo, mas não é de vidro” do que a frase “Isto é um copo, mas não é de madeira”, pois tem a consciência de que transmite a inferência de que essa seria uma característica expectável. No caso do conceito ovo e dos nossos informantes, os resultados foram os seguintes:

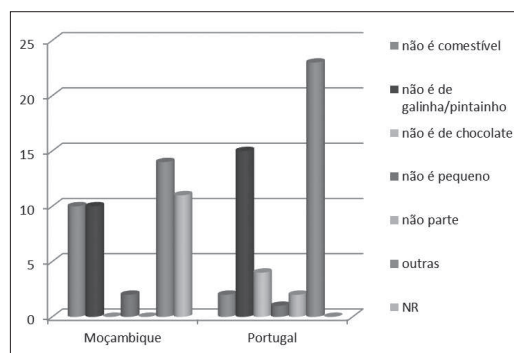


Gráfico 12: Resultados de “Isto é um ovo, mas...”

O gráfico 12 dá conta da forma como os respondentes completaram a frase “Isto é um ovo mas...”. Previsivelmente, formariam uma frase negativa incluindo uma característica prototipicamente associada ao conceito. Assim, enquanto os moçambicanos se dividiram entre os traços “comestível” e de “galinha”, os portugueses preferiram inequivocamente apenas o traço “de galinha”, dando muito pouca importância ao traço “comestível”, o qual também não é alvo de atenção por parte das adivinhas dos dois *corpora*.

Os gráficos 13 a 15, que se apresentam seguidamente, dão conta dos resultados obtidos nas perguntas 3 a 6, todas elas perguntas de resposta múltipla.

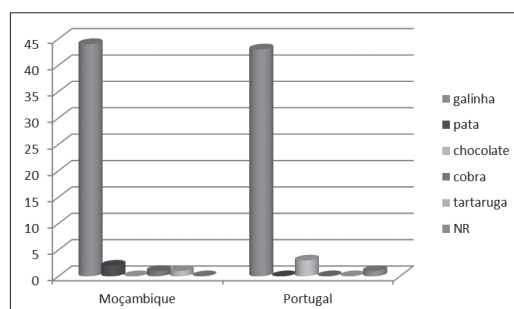


Gráfico 13: Resultados de “Que tipo de ovo escolheria para melhor representar a ideia de ovo?”

O Gráfico 13 mostra os resultados obtidos no teste sobre prototipicidade de subcategorias. As colunas não deixam qualquer dúvida de que a subcategoria mais prototípica é a de ovo de galinha, nas duas culturas. As restantes colunas apresentam algumas diferenças, já que a subcategoria escolhida em segundo lugar pelos respondentes moçambicanos foi a de ovo de pata, enquanto no caso dos portugueses foi a de ovo de chocolate, que nunca surge nas respostas dos informantes moçambicanos. Em contrapartida, é interessante observar que há duas subcategorias de ovo que surgem nas respostas de moçambicanos e que

estão totalmente ausentes nas dos portugueses: a de tartaruga e a de cobra, o que se explica, naturalmente, pelos diferentes contextos geográficos.

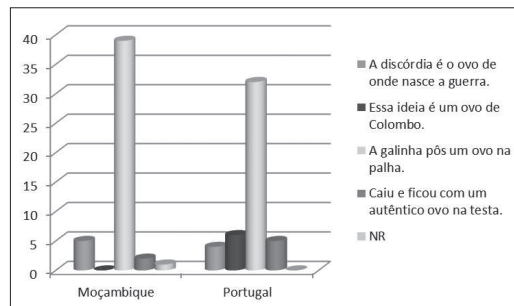


Gráfico 14: Resultados de “Qual das seguintes frases escolheria para exemplificar a utilização mais comum da palavra ovo?”

O gráfico 14 mostra os resultados de uma questão que foi desenhada para aferir a prototipicidade de aceções. Assim, a par da aceção literal de ovo (presente numa das afirmações) foram fornecidas três outras afirmações em que o lexema era utilizado em sentido figurado. Previsivelmente, o sentido mais prototípico seria o da aceção literal e, portanto, o mais escolhido. Esta hipótese confirmou-se em relação aos dois grupos. É, no entanto, curioso notar que a segunda afirmação mais frequente nas respostas dos portugueses (“ovo de Colombo”) não é escolhida por nenhum dos informantes moçambicanos.

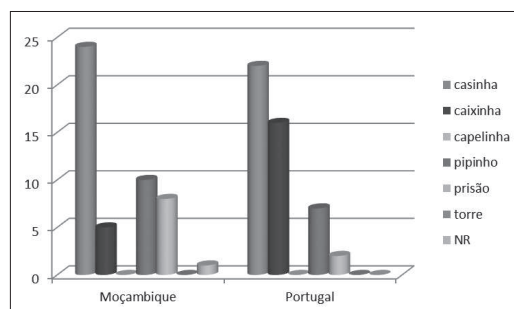


Gráfico 15: Resultados de “Um ovo é como um(a)...”

O gráfico 15 mostra como os informantes completaram a frase “Um ovo é como um(a)...”. Com este teste, pretendíamos aferir se os elementos presentes nas sequências descritivas das adivinhas de cada um dos *corpora* como integrando as fases do relacionamento (no sentido de J.M. Adam), ou seja no estabelecimento de relações comparativas, metonímicas ou metafóricas entre as propriedades do objeto descrito e as de outro objeto, coincidiam com os que os

informantes dos respetivos países forneceriam quando solicitados a estabelecer uma comparação. Os resultados mostram que o conceito “casinha” é o mais escolhido, nos dois grupos, mas, em segundo lugar, enquanto os moçambicanos preferem “pipinho”, salientando a forma arredondada muito presente nas suas adivinhas, os portugueses optam por “caixinha”, conceito mais abundante nas suas adivinhas.

Finalmente, as duas questões abertas do inquérito, a primeira e a última, poderão ser confrontadas de um modo muito interessante, pois revelam, respetivamente, a definição que os informantes dão do conceito, bem como uma adivinha de que se recordem e cuja solução seja esse mesmo conceito. Os resultados da primeira questão estão patentes no gráfico 16 e os da última no gráfico 17.

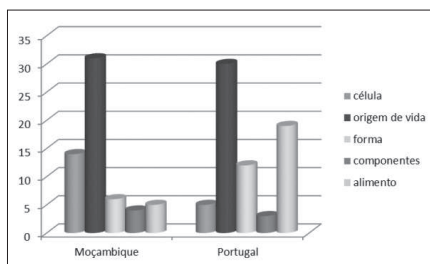


Gráfico 16: “O que é um ovo?”

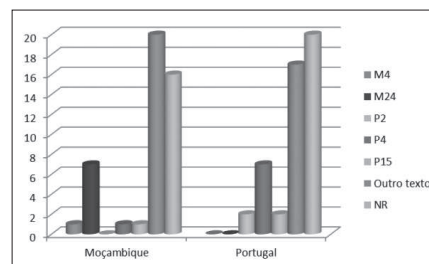


Gráfico 17: “Conhece alguma adivinha que tenha como solução o ovo? Transcreva-a.”

O gráfico 16 mostra diferenças muito visíveis entre as definições do conceito em estudo dadas pelos informantes de um e de outro grupo. Como pontos comuns entre os dois grupos, salientamos a noção de “origem da vida” como o traço mais vezes presente nas definições fornecidas. Em segundo lugar, enquanto os moçambicanos optaram pela noção de “célula”, os portugueses preferiram a de “alimento”. O facto de os informantes moçambicanos serem mais velhos, com mais anos de estudo, pode explicar esta opção por uma definição mais científica e menos utilitária do conceito. Apesar das diferenças quantitativas, verificamos que os mesmos traços conceptuais acabam por estar presentes nos dois grupos. As respostas oscilam entre definições mais científicas e rigorosas do conceito (mais presentes nas respostas dos moçambicanos) e definições que vão mais ao encontro do uso comum da palavra. Estudos anteriores mostram que os traços escolhidos nas duas situações não são necessariamente coincidentes:

[...] nem sempre são coincidentes as particularidades do referente e os traços que entram no significado de uma unidade. Por exemplo, os traços “célula” e “resultante da fecundação dos gametas ou espermatozoides” são características no plano da análise científica do referente, mas não são traços do significado primeiro da palavra

ovo. É que uma coisa é ovo, termo técnico da biologia; outra a palavra da língua padrão. O mesmo significante tem um significado, e por conseguinte um valor (no sentido saussureano) diferente conforme se insere numa nomenclatura ou na rede linguística básica. Um dicionário pode e deve dar conta das duas; mas não misturando os traços de uma e de outra. (Teixeira, 1996, pp. 230-231)

Finalmente o gráfico 17 mostra que num grupo e noutro, a maioria dos respondentes, quando solicitados a transcrever uma adivinha sobre o conceito, ou não responderam ou não selecionaram os textos constantes das compilações de adivinhas publicadas. De facto, em diversos casos, forneceram o enigma “Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?” ou uma outra pergunta que não se insere no género adivinha popular, como por exemplo “Qual a coisa que quando consumida crua apanhas salmonelas?”, “Qual é a coisa que as mulheres grávidas não podem comer?” ou ainda “Qual é a coisa que quando cai quebra-se e liberta uma camada viscosa?”, ou se insere em outro género popular, como é o caso da lengalenga: “A galinha põe o ovo e a Marta papa-o todo”. Quando são escolhidos textos de adivinhas constantes das compilações por nós referidas, os dois grupos de informantes diferenciam-se. A adivinha mais escolhida pelos moçambicanos é a M24 (ver anexo 2), do corpus moçambicano, “O que é uma coisa branca sem porta nem janela?”, ao passo que os informantes portugueses escolhem em primeiro lugar a adivinha portuguesa P4 (ver anexo 1), “Qual é a coisa, qual é ela, que é branca e caindo no chão, fica amarela?” e suas variantes.

5. Conclusão

Verificamos diferenças muito notáveis entre os *corpora* recolhidos, quer no que respeita aos textos das adivinhas populares, quer no que respeita às respostas aos inquéritos feitos. Portugueses e moçambicanos, mesmo falantes da mesma língua, transportam nela marcas identitárias, modos de ver o mundo e de o categorizar. No fundo, marcas de percursos que a língua portuguesa sulcou, nos mares que navegou.

Referências bibliográficas

- Adam, Jean-Michel (1992). *Les textes: types et prototypes: récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Éditions Nathan.
- Chiziane, Paulina (2004). *Niketché. Uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Delbecq, Nicole (2008). *A linguística cognitiva. Compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Duque, Paulo Henrique (2013). Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical. *Revista Philologus*, 22. [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)13.htm)
- Lakoff, Georges (1990). *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. The University of Chicago Press.
- Nogueira, Carlos (2004). Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa. *Revista de literaturas populares*, IV(2), 328-339.
- Marini-Iwamoto, Daniela (2006). *Os movimentos de sentidos nas adivinhas: um estudo enunciativo* (tese de doutoramento). Universidade Estadual de Campinas.
- Rosch, Eleanor (1978). Principles of categorization. In Rosch, E. & Lloyd, B., eds., *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 27-48.
- Silva, Augusto Soares da (2013). Introdução: Comunicação política e económica – cognição e discurso. In Soares da Silva, Augusto et al. (orgs.), *Comunicação política e económica. Dimensões cognitivas e discursivas*. Braga: Aletheia.
- Silva, Surama Fernandes (1999). As adivinhações e o ensino de língua materna. *Ao pé da letra*, 1, 165-169.
- Teixeira, José (1996). Branco é, galinha o põe. In Faria, Isabel Hub & Correia, Margarita (orgs.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, II vol., Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 229-235.
- Vilela, Mário (2002). *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina.

Bibliografia ativa

- Braga, Teófilo (1994). *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. II vol. Lisboa: Dom Quixote (cap. “Modismos, anexins e adivinhas”).
- Lima, A.C. Pires de (2002). *O livro das adivinhas*. 10.^a ed. Lisboa: Ed. Notícias.
- Moutinho, José Viale (1996). *Adivinhas populares portuguesas*. 4.^a ed. Lisboa: Ed. Notícias.
- Oliveira, Américo Correia de (2007). *O mundo maravilhoso das adivinhas moçambicanas*. Porto: Profedições.

Agradecimentos

Agradecemos aos nossos alunos de mestrado a colaboração no preenchimento do questionário, sem a qual o presente estudo não teria sido possível.

Anexo 1

Corpus 1 (adivinhas portuguesas)

Fontes: 1 – Moutinho, 1996; 2 – Lima, 2002; 3 – Braga, 1994.

Legenda das colunas referentes à aspetualização:

a – pequeno; b – fechado; c – liso; d – curvo; e – casca branca; f – clara branca/transparente; g – gema amarela; h – quebrável; i – cheio; j – posto pela ave; k – origina nova ave; l – solução metalinguística.

N.º	Fonte	Texto	Aspetualização											l
			a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	
P1	1,2,3	Sou filho de pais cantantes Minha mãe não tinha dentes Nem nenhum dos meus parentes, Eu de mim sou todo calvo Meu coração é amarelo E o meu rosto é alvo e belo.			x		x		x			x		
P2	1, 2	Uma caixa pequenina mas que pode rebolar. Todos a sabem abrir, ninguém a sabe fechar. O que é?	x	x		x				x				
P3	1, 2	Por detrás de um muro branco, há uma flor amarela que se pode apresentar ao próprio rei de Castela.					x	x	x					
P4	1, 2	Qual é a coisa, qual é ela, que é branca e caindo no chão, fica amarela?					x		x	x				
P5	1, 2	Redondinho, redondote, não tem fundo nem batoque.		x		x								
P6	1, 2	Venho vestido de frade, mas nunca faço oração, branco de neve é meu hábito, é cor de oiro o coração.					x		x					
P7	1, 2	Casas caiadas, fontes amarelas, águas claras, ninguém vive nelas.					x	x	x					
P8	1, 2	Qual é a coisa, qual é ela, capelinha branca, sem porta nem tranca?		x			x							

N.º	Fonte	Aspetualização Texto	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l
P9	1, 2	Maria Campona andava no campo, Chegou-lhe a notícia do seu filho branco. Maria Campona botou a correr ainda foi a tempo de o ver nascer.					x					(x)	x	
P10	1, 2	Pipeirinho pipeirote Não tem por onde lhe tira, Não tem por onde lhe bote.		x		x								
P11	1, 2	Quico maricanquico, não tem pés, nem cu, nem bico; E depois do quico maricanquico Já tem pés e cu e bico.			x								x	
P12	1	Sou careca e parente de carecas, minha mãe é desdentada e meu pai é cantador, eu não sou da mesma cor.			x		(x)					x		
P13	1	O que é aquilo que do macho se faz em três fêmeas? (sol.: ovo parte e fica: clara, casca, gema)								(x)				x
P14	1	Curcóbico não tem bico, nem bico nem come, mas a mãe do curcóbico, tem bico e come.			x							x		
P15	1	Branco é, galinha o põe.					x					x		
P16	1	Qual é a coisa que não tem pés, nem corpo, nem bico, mas pode ter um filhico com pés, corpo e bico?			x								x	
P17	1	Uma coisa interessante, muito interessante: Meus pais deram-me à luz com uma forma esquisita. Enquanto os outros nascem com a pele envolvendo os ossos, eu nasci com o esqueleto envolvendo a pele.					(x)					x		
P18	1	Um cinco com duas cifras Serão cinco tostões? Não. É prisão abobadada Sem grades nem alçapão. O vivente encarcerado Em tão seguro aposento Só dele pode sair Por meio de arrombamento.		x		x							x	

N.º	Fonte	Aspetualização Texto	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l
P19	1	Que é aquilo Que é branco como um pombal, Não tem porta nem pomba?		x			x							
P20	1	Não tem arco nem arcote, E está cheio até ao batoque.									x			
P21	1	Qual é a pedra branca, Que cai no chão E fica dourada?					x		x	x				
P22	1	Qual é a coisa qual é ela, que não tem portas nem portal e está atacado até ao gargal.		x							x			
P23	1	Teve um filho Maria Penacho nem morto nem vivo nem fêmea nem macho. O que é?										x		
P24	1	Sem pai posso nascer, mas minha mãe pai tem; aquilo que eu sou já foram meus pais e avós também.										x	x	
P25	2	Qual é a coisa, qual é ela, De feitio de um pipinho, Não tem arco nem arquinho, E segura o seu vinhinho?				x					x			
P26	2	Que é, que é, Uma torre abandonada, Sem janela nem postigo? Adivinha, não to digo...		x										
P27	2	Branco é galinha o põe numas palhinhas...					x					x		
P28	3	Uma casinha branca. Sem porta nem tranca?		x			x							
P29	3	Casas brancas Águas claras Paredes amarelas Sem ninguém morar nelas?					x	x	x					
P30	3	Menina bonita Saia amarela Casa caiada Ninguém entra nela?					x	x	x					

Anexo 2

Corpus 2 (adivinhas moçambicanas)

Fontes: 1 – Oliveira, 2007.

Legenda das colunas referentes à aspetualização:

a – pequeno; b – fechado; c – liso; d – curvo; e – casca branca; f – clara branca/transparente; g – gema amarela; h – quebrável; i – cheio; j – posto pela ave; k – origina nova ave; l – solução metalinguística.

N.º	Fonte	Texto	Aspetualização											
			a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l
M1	1	(cindau) O que é que está dentro da casa da mamã e não tem boca?		x								x		
M2	1	(cisena) Duas coisas e cada uma é mãe da outra.										x	x	
M3	1	(cisena) Fiz uma casa sem porta.		x										
M4	1	(cisena) Não tem janela nem porta.		x										
M5	1	(ciyao) Não tem porta, o que é?		x										
M6	1	(cuitec) Filho da minha mãe não tem boca, o que é?		x								x		
M7	1	(echuwabu) A mala que chegou fechada.		x										
M8	1	(echuwabu) A panela de barro não pode passar sobre a pedra.				x								
M9	1	(echuwabu) Casa que não tem portas.		x										
M10	1	(echuwabu) Txinamwenddo gerou o Gulumanha, Gulumanha gerou o Txinamwenddo.										x	x	
M11	1	(emakhuwa) A casa do inglês não se abre.		x										

N.º	Fonte	Aspetualização Texto	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l
M12	1	(emakhuwa) A coisa que não tem ânus pariu o que tem ânus.			x							x	x	
M13	1	(emakhuwa) Construir a minha casa se chover, não tem porta.		x										
M14	1	(emakhuwa) O lisinho não atravessa a rocha.			x									
M15	1	(emakhuwa) O lisinho não passa sobre a rocha.			x									
M16	1	(emakhuwa) O lisinho não tem porta.		x	x									
M17	1	(emakhuwa) O que não tem pernas gerou o que tem pernas.			x								x	
M18	1	(emakhuwa) Qual coisa qual é ela tão redonda e tão lisa que não passa em lugares rochosos?			x	x								
M19	1	(emakhuwa) Redondo, mas não passa pela pedra?				x								
M20	1	(shimaconde) Construí a minha casa, acabei-a sem porta.		x										
M21	1	(shimaconde) O que anda deu à luz um filho que não anda; o que não anda deu à luz um filho que anda.			x							x	x	
M22	1	(xitshonga) Carne que não pode ser cozinhada.												
M23	1	(xitshonga) Tsheke-tsheke wa ku tsheke, entrei em casa da minha mãe e encontrei uma coisa sem boca.		x								x?		
M24	1	(xitsonga) O que é uma coisa branca sem porta nem janela?		x			x							

Anexo 3

INQUÉRITO

Este inquérito destina-se a um trabalho de investigação. Não há respostas certas nem respostas erradas. Os dados serão tratados de forma anónima. Obrigado pela colaboração.

Dados do informante para tratamento estatístico		
Sexo:	Idade:	Língua materna:
o feminino	o até 20 anos	o português
o masculino	o de 21 a 30 anos	o outra. Qual? _____
	o de 31 a 40 anos	
	o mais de 40 anos	

1. Responda à seguinte questão.

O que é um ovo? _____

2. Pense num ovo e complete rapidamente as frases com a primeira ideia que lhe ocorrer.

2.1. A casca do ovo é de cor _____.

2.2. A gema do ovo é de cor _____.

2.3. O ovo foi posto por uma _____.

2.4. Quanto ao tamanho, o ovo é uma coisa _____.

2.5. Quanto à forma, o ovo é uma coisa _____.

2.6. A casca do ovo é lisa ou enrugada? É _____.

2.7. Normalmente os ovos comem-se _____.

3. Complete a frase.

Isto é um ovo, mas _____.

4. Que tipo de ovo escolheria para melhor representar a ideia de ovo? Assinale apenas um.

☐

ovo de chocolate

☐

ovo de galinha

☐

ovo de cobra

☐

ovo de pata

☐

ovo de ouro

☐

outro. Qual? _____

5. Qual das seguintes frases escolheria para exemplificar a utilização mais comum da palavra ovo? Assinale apenas uma opção.

☐

A discórdia é o ovo de onde nasce a guerra.

☐

Essa ideia é um ovo de Colombo.

☐

A galinha pôs um ovo na palha.

☐

Caiu e ficou com um autêntico ovo na testa.

6. Um ovo é como um(a)... (escolha apenas uma opção)

☐

casinha.

☐

caixinha.

☐

capelinha.

☐

pipinho.

☐

prisão.

☐

torre.

7. Conhece alguma adivinha que tenha como solução o ovo? Transcreva-a:
